



Apontamentos iniciais sobre a História oral como metodologia de pesquisa

Initial notes on oral history as a research methodology

Adriano Mamedes Silva Nascimento¹

Thiago Pedro Pinto²

Resumo

O texto trata-se de apontamentos iniciais para se trabalhar com a História Oral – HO como metodologia de pesquisa na perspectiva dos textos: História oral em educação matemática: um panorama sobre pressuposto e exercícios de pesquisa (GARNICA, 2015) e o texto: Oral History as Inspiring Pedagogy for Undergraduate Education (DAVEY & WELDE & FOOTE, 2016). Na sequência, é apresentado o significado do termo história oral, segundo Meihy & Holanda (2007), a formação do grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática (GHOEM) e discutiremos a utilização da HO como metodologia de pesquisa nas propostas de dissertações e teses que utilizam como recurso a HO. Desse modo, é necessário assumir uma postura crítica diante dos fenômenos intrínsecos à pesquisa, pois resgatam as experiências e as práticas vividas por diversas culturas.

Palavras-chave: História Oral, Metodologia, Pesquisa Historiográfica.

Introdução

Neste texto trazemos uma primeira discussão sobre a metodologia História Oral, vislumbrando a possibilidade, sugerida, de utilizá-la em diversos trabalhos acadêmicos. Para esta discussão nos baseamos em alguns textos dos autores: Garnica (2015), Davey & Welde & Foote (2016), Meihy & Holanda (2007), Portelli (1997), Thompson (2002) e Le Goff (2003). Primeiramente, pensamos ser importante apontarmos para uma visão historiográfica, pensar o que é produzir história. Em termos literais, produzir história se refere a contar histórias de outros tempos baseados em documentos históricos, arquivos guardados em museus, onde, quanto mais velhos for o arquivo, mais valiosa serão as narrativas. Entretanto, com a tecnologia, apareceu outro meio de registrar e arquivar informações, o registro de narrativas orais por meio de aparelhos eletrônicos. Esta ampliação da

¹ Doutorando em Educação Matemática – UFMS. Professor do Instituto Federal de Mato Grosso. Brasil. Email: amsilvan@hotmail.com.

² Doutor em Educação para a Ciência – UNESP. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Brasil. Email: thiago.pinto@ufms.br.

noção de fonte é o que dá base para a história oral, que veio não só dialogar com as formas já existentes, mas questionar sobre a ficcionalidade dessa História “oficial”, e com isso, encontrou muita resistência em sua aceitação no meio acadêmico (Meihy & Holanda, 2007).

A história oral é um recurso contemporâneo inaugurado depois da 2ª guerra mundial, com o avanço da tecnologia, por meios de gravadores e máquinas fotográfica em geral. Tal mecanismo passou a ser usado para validar algumas experiências que não estão registrados em documentos escritos ou quando estão, tem uma mensagem de valor subjetivo. Portanto, a história oral incide de valor narrativo onde as entrevistas gravadas ou filmadas tem um fundamento de registro de uma matéria que permita uma reflexão modificada das documentações escritas. Existem atualmente 4 (quatro) gêneros de história oral, sendo as principais ramificações da história oral: a primeira, é a história oral de vida; a segunda, é a temática; a terceira, a tradição oral; e a quarta, história oral testemunhal (Meihy & Holanda, 2007)

A história oral de vida reconstitui a narrativa a partir da trajetória existencial de uma pessoa; já a história oral temática gira em torno de um tema central em que as entrevistas endereçam ao desenvolvimento desse tema; a história oral de tradição é uma prática que deriva dos contatos com o grupo onde as tradições superam os espaços biográficos, tradições míticas que carregam uma memória da antiguidade; e a história oral testemunhal é aquela que mistura traços da biografia pessoal com a existência de trauma evidente. Cada uma dessas variações de história oral tem um procedimento correlato, em algumas, chamada de entrevistas abertas, entrevistas programadas com roteiro ou a combinação das duas com ênfase num problema trágico, que leva a questão dos testemunhos e nas tradições orais a observação e o convívio (Meihy & Holanda, 2007).

Uma das discussões mais calorosas no debate sobre história oral, diz respeito ao pertencimento. Nesse sentido, os questionamentos são: Quem faz a história oral? A história oral é de quem? Ficando evidente que a academia tem todo um tratamento pessoal, ansiando uma apropriação teórica fundamentada que de certa forma exclusiviza a prática da história oral dentro dos muros universitários. Todavia, a tendência geral é que haja uma apropriação desses recursos, seja por famílias, por instituições de trabalho, por sindicatos etc. Há uma forma grande de produção de autoconhecimento que forma um conjunto e este conjunto possibilita um enquadramento da história oral dentro de um espaço mais amplo: a chamada história pública, que vem ganhando território no Brasil, uma história que transita por diferentes seguimentos inclusive acadêmico, mas que é acolhido por diferentes espectadores (Meihy & Holanda, 2007).

No texto de Garnica (2015), temos uma noção de grupo, partindo do pressuposto de que toda pessoa faz parte de um determinado grupo e que conversam por algo em comum, pelo qual se relacionam, constituindo um círculo, seja na comunidade em que vivem, no ambiente familiar, grupos de amigos, ambiente de trabalho etc. Para os componentes do GHOM, a Educação Matemática é a “cidade em comum”, é o que fica evidente entre eles e que fazem se reconhecerem como pessoas que têm o mesmo interesse. Este grupo atua desde 2002 com pesquisas que relacionam a metodologia da História Oral com as temáticas da Educação Matemática. Nesta direção, a história da formação de professores de Matemática tem sido o carro chefe, mais recentemente há trabalhos

explorando o uso de narrativas na formação de professores de Matemática. O GH OEM tem como líder o professor Dr. Antônio Vicente Marafioti Garnica, e está vinculado à Unesp de Bauru - SP. Sua intenção inicial foi reunir pesquisadores em perspectiva a Educação Matemática interessados na possibilidade de usar, inicialmente, a História Oral como recurso metodológico de pesquisa, de modo a compreender algo. Hoje, o interesse central do grupo é estudar a cultura escolar e o papel da Educação Matemática nessas culturas.

Do mesmo modo, a História Oral é a metodologia mais usualmente empregados pelo GH OEM para criar narrativas. Os registros de narrativas orais são fontes historiográficas, comumente, narrativas orais são registradas por escrito devido à durabilidade do suporte e à facilidade de manuseio no corpo dos trabalhos. E nas universidades ganham adjacências mais rígidas, inscreve-se numa determinada ordem de discurso e passa a ser vista como metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa. Nesse sentido, a história oral em educação matemática tem elementos distintivos pela própria natureza dos objetos com os quais são trabalhados. Esse fator distintivo em relação à história oral tornou-se possível, exatamente por terem se pautados não na defesa de uma singularidade do campo, mas na interlocução com as mais diversas áreas, aproveitando delas os elementos adequados (Garnica, 2015).

As fontes orais e escritas têm servido para diversas possibilidades de trabalho, a partir da oralidade inauguram uma operação historiográfica e compreendê-la como operação, para Michel de Certeau, implica considerá-la como a relação entre um lugar, procedimento de análise e a construção de um texto. O processo inicia a partir de uma perspectiva singular, a da narrativa de um sujeito situado, e vai aos poucos abrindo esse diálogo, incorporando escritos e informações, ampliando essa perspectiva não para checar a veracidade do sujeito, mas para criar um enredo plausível, no qual narrador e ouvinte se reconheçam.

Assim, produzir fontes orais a partir de entrevistas passaram a ser, nas apreensões contemporâneas a legítima historiografia. Fontes orais, acompanhando a evolução dos tempos, permitem que as subjetividades participem do domínio da ciência. E as fontes escritas, nas quais a subjetividade também é determinante juntam-se aos relatos orais para a configuração de uma nova perspectiva historiográfica: são narrativas de existências finitas, processuais, inacabadas, caóticas; registros de futuros desejados no passado, que marcam uma temporalidade que a história positivista insistia em negligenciar. O único elemento que as fontes orais têm sobre o historiador, e que nenhuma outra fonte tem, segundo Alessandro Portelli (1997), é a subjetividade do expositor. Fontes orais nos contam não apenas o que o povo fez, mas o que queriam fazer, o que acreditavam estar fazendo e o que agora pensam que fez (Garnica, 2015).

No texto *Oral History as Inspiring Pedagogy for Undergraduate Education*, trata-se de um projeto que avança as habilidades intelectuais dos alunos. Nos últimos dois anos e meio, foram orientados mais de 30 estudantes de graduação em “Histórias de Escolha”. Inspirada pela ação da historiadora, Linda Kerber's, acadêmicas dos EUA comemorem o 40^º aniversário do *Roe vs. Wade* Decisão da Suprema Corte que legalizou o Aborto, onde foi desenvolvido um projeto de História Oral para explorar os contextos e as consequências dessa decisão, envolvendo-se em disciplinas históricas e sociológicas.

Metodologia

A metodologia de pesquisa baseia-se na perspectiva da História oral, com entrevistas gravadas de depoimentos dos entrevistados.

A partir dessa metodologia, a maioria das perguntas emergem do diálogo que acontece entre o entrevistado e o pesquisador, trazendo uma flexibilidade que possibilita o aprofundamento do diálogo e da exploração de pontos de vista. Como aponta Thompson:

A história oral é escrita em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só de dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. (Thompson, 1992, p. 44).

A história oral é muito utilizada como método para desenvolver pesquisa em diversos níveis de escolaridade, proporcionando habilidades transferíveis que aprimoram o conhecimento dos pesquisadores e oferece aos alunos treinamento prático e experiências, assim, “a realização de entrevistas de história oral fornece aos alunos uma visão em primeira mão de como o conhecimento histórico é produzido e contestado, além de destacar a natureza parcial e fragmentária da fontes primárias” (Davey, Welde & Foote, 2016).

Importa saber como os materiais da história são organizados pelos narradores de forma a contá-la, pois a construção da narrativa revela um grande empenho na relação do relator com sua história. A História Oral é a construção de memória da pessoa e sua organização expressiva, memória de expressão oral e a narrativa. A História narrada oralmente é muito diferente da escrita, é nesse sentido que difere as duas - história Oral e a história Convencional - porque a participação do narrador como protagonista é essencial para se explicar (Meihy & Holanda, 2007).

O estudo da matemática na cultura escolar, muitas vezes requer outros referenciais metodológicos que não compete a história oral. O GHOEM também investiga livros didáticos, nesse sentido, tem adotado a Hermenêutica de Profundidade, proposto por John Thompson, que pretende ser um referencial teórico-metodológico para análise de forma simbólica – criações humanas intencionais - (Garnica, 2015).

Davey, Welde & Foote (2016), apontam para a importância dos alunos como colaboradores na produção do conhecimento através da história oral, em que, vão além do estudo de caso específico das histórias reproduzidas. Os autores relatam que na ação “História de escolha” – no qual alunos de um curso de pedagogia entrevistam pessoas que passaram por situação de aborto – as colaborações entre os grupos resultaram em experiências profundamente impactantes para os envolvidos na pesquisa, uma vez que, transcendem as fronteiras tradicionais, assumindo simultaneamente papéis de aluno e professor, seguidor e líder. Assim, os alunos entrevistaram narradores e transcreveram as entrevistas, para isso os alunos estabelecem relações empáticas com as fontes, que é um passo especialmente crítico na coleta de histórias pessoais e politizadas, com isso, criam uma expansão de registros históricos.

O desenvolvimento da História Oral é um amplo movimento que empreende o rompimento de práticas anteriores e a proposição de um novo paradigma. Esse desafio consiste, sobretudo, em re-significar as posições metodológicas mais convencionais de registro histórico. Nesse contexto, cabe reconhecer que o modelo metodológico da História Oral, onde se obtém o registro de experiências subjetivas, é uma proposta inovadora. Assim, mostra-se como uma estratégia interessante, para o desenvolvimento de pesquisas em Educação Matemática, uma vez que é um mecanismo capaz de validar algumas experiências que não são registradas em outras abordagens metodológicas. Além de não ser estática, mas possibilitar um arsenal de construção constante.

A memória coletiva ganhou ênfase e passou a ser considerada, ao longo do tempo e pelos vários segmentos da sociedade, como um importante mecanismo na luta de forças pela imposição do poder no ambiente social. A manipulação da memória coletiva revela o jogo de interesses dos grupos, classes e indivíduos que almejam obter o poder (Le Goff, 2003, p. 422). As camadas dominantes, através da força econômica e política acabam impondo ao restante da sociedade o que realmente deveria ser lembrado, comemorado e referenciado.

Considerações finais

Portanto, a escolha pela utilização dessa abordagem metodológica, implica em assumir uma postura crítica diante dos fenômenos intrínsecos à pesquisa, bem como a necessidade de uma atitude sensível na coleta de dados, pois resgatam as experiências e as práticas vividas por diferentes culturas.

Referências

- Davey F. & Welde, K. & Foote, N. (2016). *Oral History as Inspiring Pedagogy for Undergraduate Education*. Retirado em 24 de setembro, 2020, de: https://www.academia.edu/28355651/Oral_History_as_an_effective_pedagogical_practice_in_high_school_Two_examples_of_inspiration_and_engagement.
- Garnica, A. V. M. (2015). *História oral em educação matemática: um panorama sobre pressuposto e exercícios de pesquisa*. Retirado em 24 de setembro, 2020, de: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=559>.
- Meihy, José Carlos Sebe B. & Holanda, F. (2007). *História oral: Como fazer, como pensar*. São Paulo. Contexto.
- Portelli, A. (1997). Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 15, p. 13-49.
- Thompson, P. (2002). *História oral e contemporaneidade*. História Oral, n. 5. São Paulo: ABHO.
- Le Goff, J. (2003). *História e Memória*. 5 ed. Campinas-SP: Unicamp.